

O “IMPÉRIO DO ATRASO”: MONARQUIA E CATOLICISMO NO BRASIL A PARTIR DOS ESCRITOS DE THOMAS EWBank (1846-1856)

CARLA VIVIANE PAULINO*

O relato de viagem *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*¹, escrito em 1846 e publicado dez anos depois, pelo viajante Thomas Ewbank, mostrou-se impregnado pelas concepções de mundo relacionadas ao debate no campo ainda incipiente da Etnologia, no qual se discutia a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”.

Escrito sob a forma de diário, *Life in Brazil* compreende uma ampla narrativa sobre a vida cotidiana do Rio de Janeiro. O autor, ao mesmo tempo em que refletiu sobre tudo o que viu, também buscou explicações - ora na História, ora na Providência Divina e ora na Ciência - para a conformação do mundo e para a diferente e “atrasada” realidade social com a qual se defrontava. Além do clima que degenerava a “capacidade mental humana”, da escravidão e da mistura indiscriminada de raças que impediam o desenvolvimento do país, havia mais dois aspectos de enorme relevância na composição da imagem que Ewbank construiu sobre o Brasil, os quais o viajante também considerou como elementos impeditivos ao progresso e desenvolvimento, em seu mais amplo sentido: o regime monárquico de governo e a Igreja Católica. Nessa comunicação, analiso como o autor tratou destes temas em seu relato de viagem.

Nos Estados Unidos, a partir do último quartel do século XVIII, a elite política, seus governantes e pensadores, construíam o seu Estado Nacional, e junto com ele, procuraram conformar o ideário da nação, buscando instituir uma identidade nacional. Neste processo, o ideal republicano e liberal, juntamente com outros símbolos, se consolidou no imaginário social norte-americano como emblema da virtuosidade da nação, reafirmando o mito de ser aquela uma “sociedade excepcional”. Eles se

* Doutoranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Esse artigo é parte de minha dissertação de mestrado desenvolvida na mesma instituição com o título: *O Império do atraso: impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano, Thomas Ewbank, (1846)*, financiada pela Fapesp. E-mail: carlapaulino@hotmail.com

¹ *Vida no Brasil ou um diário de visita à terra do cacau e da palmeira.*

consideravam como os primeiros da modernidade a instituir com sucesso um novo formato republicano de governo com bases representativas, ainda que a República norte-americana fosse devedora das ideias que circulavam entre Europa e Américas.² Posicionavam-se dessa maneira quanto às questões políticas como pioneiros e superiores em relação às Monarquias.

A República nos Estados Unidos - bem como a construção dos “heróis nacionais”, tais como George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e James Madison - buscou uma unidade nacional sem a aglutinadora presença real. A República, além de regime de governo, foi ela mesma um dos principais emblemas nacionais, na medida em que, através de aparatos simbólicos, como os citados “pais fundadores”, propunha vínculos identitários, procurando solidificar na população o sentimento de pertencimento à uma comunidade imaginária³. No entanto, como se sabe, muitos desses “pais fundadores” eram virginianos e, portanto, republicanos, mas também grandes proprietários e donos de escravos.

Na primeira metade do século XIX, os Estados Unidos anexaram a seu território grande quantidade de terras. Entre 1778 e 1848 o território norte-americano aumentou em onze vezes o seu espaço territorial. A conquista rumo a Oeste acentuou o sentimento nacionalista e de excepcionalidade, e estimulou o mito de terem eles, como “povo escolhido por Deus”, o dever de expandir a nova República, livre das amarras monárquicas.⁴ Desta forma, nos Estados Unidos, a República foi concebida e construída também como um valor moral, aos poucos interiorizado pelos norte-americanos. Foi esse mundo que o inglês Ewbank abraçou, defendeu e enalteceu.

Como veremos, Ewbank rejeitava o catolicismo e a monarquia, e acreditava que o protestantismo e o regime político republicano, eram os mais condizentes com os mais altos graus de civilização. Este modelo, o qual o autor indicou também para outros povos, como o brasileiro, estava instalado na zona temperada da América do Norte. Para

² Sobre as ideias europeias que ajudaram a promover a Independência norte-americana, consultar BAYLIN, Bernard. Fontes e tradições, in *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Baurus: Edusc, 2003.

³ Sobre o processo de construção das identidades nacionais ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁴ Ver: JUNQUEIRA, Mary A. Oeste, wilderness e fronteira no imaginário norte-americano. In: *Ao sul do Rio Grande*. EDUSF: 2000.

ele, as Igrejas protestantes ocupavam um determinado lugar no Estado republicano e laico, enquanto o catolicismo misturava-se a todas as práticas sociais no Brasil. Contudo, reiteramos que, embora naquele país a Igreja estivesse separada do Estado desde o início da construção do Estado nacional, é preciso reforçar que lá, religião e política sempre foram apropriadas e reposicionadas, em uma espécie de parceria implícita, na medida em que os preceitos religiosos protestantes apoiavam o ideal republicano construído naquela nação, bem como a ética do trabalho e a moralidade implícita neste tipo de governo.

Dos males da Monarquia.

A Carta de 1824, estabeleceu no Brasil uma Monarquia constitucional, que firmou as bases estruturais da política e administração do império. Em 1846, um ano antes de ser implantado aquilo que ficou conhecido como “parlamentarismo às avessas”, podia votar, nas eleições primárias, somente aqueles que possuíssem uma renda acima de 100 mil-réis anuais. As eleições eram indiretas e realizadas em dois turnos; no primeiro, os cidadãos votavam para escolher os eleitores de províncias que, por sua vez, reunidos em Colégios Eleitorais, votavam em Deputados provinciais e nacionais e também Senadores, estes últimos, selecionados pelo Imperador. Para ser eleitor de província, era necessária a renda mínima de 200 mil-réis por ano, calculada, a partir de 1846, em prata, fator que dobraria o valor da mesma, exigida antes desse ano (ALENCASTRO, 1997: 224). O Imperador exercia o poder moderador, e estava acima dos partidos políticos e também da sociedade. Embora houvesse certa representatividade e divisão de poderes, é inegável sua soberania nas decisões, em seu mais amplo alcance.

No capítulo 1 de *Life in Brazil*, momento descrito na narrativa, em dezembro de 1845, quando o viajante se encontrava ainda em solo norte-americano, Ewbank expôs a opinião de parte dos norte-americanos sobre as formas monárquicas de governo. Naquele momento o país discutia fervorosamente sobre a anexação da região do Oregon pelos Estados Unidos e, ao mencionar este assunto, o autor escreveu:

Passando por Jersey, multidões reuniam-se em cada vilajero na expectativa da mensagem presidencial. Esta nos encontrou em Bristol, onde cada um

respondia aos sentimentos sobre o Oregon. Era universal a sensação de que nenhum outro pedaço da América do Norte deveria ser poluído pela monarquia e que aqui, aconteça o que acontecer, o povo deveria ficar livre dos males de governantes hereditários, direitos de primogenitura, dízimos e um Estado sacerdotal. (EWBANK, 2005:17)

Aqui, Ewbank demonstrou como a República era aclamada nos Estados Unidos, e se utilizou desse fato para reiterar a sua posição política. Ao expressar a opinião norte-americana sobre o tema, o autor demarcou sua posição sobre o assunto antes mesmo de pisar em solo monárquico.

A manifestação orgulhosa e exagerada de Thomas Ewbank sobre a Independência norte-americana é expressa em *Life in Brazil* no dia 4 julho. O autor associou o ato da colonização inglesa na América do Norte à escravização dos homens, como era comum desde a Independência do país: “Dia 4 - Os homens dos navios de guerra americanos, em traje de gala, fizeram as águas da baía borbulharem e o ar reverberar entre as montanhas, em honra deste dia em que começou o mundo o libertar-se da escravidão”.(EWBANK, 2005:391) Aqui está claro como o inglês Thomas Ewbank, abraçou com força o regime republicano, tal como o implementado nos Estados Unidos.

As manifestações de oposição e desprezo de Ewbank pelo regime monárquico de governo, e no caso para com o Império brasileiro, podem ser acompanhadas nos comentários sobre as sessões da Câmara e do Senado na capital do país, as quais ele assistiu e, como não podia deixar de ser, reprovou. O viajante procurou apresentar ao leitor como se davam tais reuniões, privilegiando em seu discurso a falta de interesse da população em participar da vida política local, bem como da importância que os brasileiros imputavam aos rituais e cerimônias da Monarquia, considerados superficiais e exagerados. Ressaltou a preocupação dos brasileiros com a aparência, traduzida pela vestimenta dos políticos, excessivamente formal e desconfortável:

Chegou a hora, e não havia mais de cinquenta espectadores nas galerias, embora a entrada fosse franca. Com a exceção de quatro padres, senadores e deputados estavam em trajes de cerimônia – calças brancas, paletós verdes abotoados até o queixo e meio cobertos de renda, espada e chapéu.[...]

Aos brasileiros não faltam os elementos de grandeza, mas um patriota, em trajes caseiros, um Franklin, Fócio ou um Dentatos dificilmente seria apreciado. (EWBANK, 2005:278)

Como se vê, Ewbank preocupava-se com os detalhes da vida cotidiana. Sua última observação é sobre Benjamin Franklin - considerado um dos “pais fundadores” da nação norte-americana, um dos que compuseram a galeria de heróis exemplares, que ajudaram a conformar o país “excepcional”. Franklin pode ter sido eleito por Ewbank como exemplo exatamente pelo mito criado em torno de sua personalidade: simplicidade, disciplina, controle do tempo dirigido para os negócios, denotando assim uma postura pragmática, voltada para o trabalho e realizações práticas, o que lhe fazia dedicar pouco ou nenhum tempo à aparência ou temas superficiais, exatamente o oposto daquilo que observara na sessão legislativa e na elite brasileira. Além disso, é interessante notar que ele colocou Franklin ao lado de nomes da Antiguidade⁵.

Podemos inferir a partir de suas observações, que o autor não apenas incorporou os valores republicanos, mas estava imbuído pelo mito da excepcionalidade que constituía a nação norte-americana: a professada “virtude cívica”, que exigia a participação ativa do cidadão nos assuntos públicos, a simplicidade em contraposição aos excessos de qualquer natureza e o pragmatismo - valores fortemente presentes na cultura daquele país, especialmente entre os que compunham parte da população conhecida como *WASP* (*white, anglo-saxon, protestant*). O autor, ao mencionar a pouca participação do público nas questões do Império, não reconhecia- como era de esperar- entre os brasileiros a existência de qualquer “virtude cívica”, comum entre os republicanos. No entanto, vale mencionar que a própria existência de um Senado e uma Câmara no Brasil demonstra que havia alguma divisão de poderes no Império e que, como visto, a Monarquia aqui, não era “absoluta”, ainda que D. Pedro II concentrasse em suas mãos muito poder, além do sistema escravocrata que ajudava a manter. Mas Ewbank não era homem de ver complexidades nas sociedades. Com as suas observações, ajudou a criar uma imagem negativa do Brasil muito forte e resistente.

⁵ Fócio, patriarca e bispo de Constantinopla, foi um dos principais responsáveis pelo Cisma Grego - separação das igrejas romana e ortodoxa - e Dentatos, herói dos primeiros tempos da República Romana e defensor da plebe, é mencionado como um homem com hábitos que prezava uma vida simples e incorruptível.

Aprofundando-se em sua percepção sobre as formalidades presentes no Império brasileiro, Ewbank narrou também o ritual que precedia o início dos trabalhos no Senado, bem como a entrada do Imperador em seus exagerados trajes, e seu comportamento durante a sessão, na qual se manifestou através da leitura de um discurso previamente preparado:

Leu-a bem, diria mesmo, muito bem. Sua dicção é rápida, porém distinta e agradavelmente matizada e enfática. Sua voz é um tanto feminina.[...] A cerimônia durou uns doze minutos. [...] Tão excessivamente minuciosos em ninharias que são os brasileiros, estávamos ainda diante de apenas parte das cerimônias. Ou a cadeira era muito baixa, ou as pernas de Dom Pedro muito longas. Parecia como se, sentando-se, ele descobrisse que não poderia mantê-las em posição vertical sem que alguma parte de sua indumentária se desalinhasse; e como ele não acharia honroso atirá-las para a frente, era compelido a pô-las debaixo do assento, onde, a julgar por sua inquietude, deveria estar muito descontente (como outros cavalheiros histriônicos, os atores reais devem submeter-se à crítica). A coroa deste cacique moderno é uma massa grande, esférica e sem graça, que a distância poderia ter dado a impressão de uma cabeça com hidrocefalia. (EWBANK,2005: 278-279)

Os recursos utilizados por Ewbank, para defender a República como a instalada nos Estados Unidos, foi desqualificar o Imperador brasileiro, diminuir a sua importância e ridicularizar as cerimônias e rituais que o circundavam. Primeiro, imputou ao imperador traços efeminados, ao mencionar a feminilidade de sua voz. Em seguida, o chamou de “cacique moderno” – termo que remete à ideia de concentração de poder nas mãos de um único homem. Ademais, o autor retratou a cena como se de fato não passasse de atores em um palco, apontando assim a teatralidade da situação - e, de forma implícita, a falta de seriedade e de uma postura mais pragmática.⁶

Por fim, vale a pena citar uma passagem em que o viajante elogiou os rio-grandenses do sul, por suas convicções republicanas e conseqüente virilidade, ambas associadas pelo autor:

⁶ Outro aspecto interessante a ser considerado reside no fato de que, em 106 ilustrações que compõem o relato de viagem, nenhuma delas representou qualquer imagem do Imperador ou de elementos diretamente relacionados à Monarquia.

Raça corajosa, os riograndenses respondem às afrontas chicoteando os ombros de quem os ofende. Bravos, rijos e imbuídos de princípios republicanos, estiveram em revolta durante onze anos e apenas recentemente foram induzidos a depor armas. Se continuarem sendo uma parte integrante do Império, provavelmente exercerão uma influência controladora em sua administração. (EWBANK, 2005: 140)

Ewbank, como não poderia deixar de ser, elogiou o projeto republicano que moveu a Guerra dos Farrapos ou Farroupilhas, que começou em 1835 e terminou em 1845, um ano antes de chegar ao Brasil. Novamente: apesar do viajante observar, ainda que de forma pontual, algumas positivities, a maioria das suas observações e das fortes imagens que construiu ao longo do relato, criam ou reforçam concepções negativas e resistentes sobre o Brasil, podendo algumas delas ser encontradas ainda nos dias de hoje. Não se quer dizer que tal imagem foi criada exclusivamente a partir de fora, externamente, porque o papel dos brasileiros nessa concepção deve ser levado em consideração.

Dos males do catolicismo

Uma série de disputas de ordem política, social, econômica e cultural envolveu a Igreja Católica e, um dos impasses ocorridos, estava relacionado aos debates sobre “a definição do correto sentimento e prática católicos de uma população tradicionalmente apegada a uma religiosidade repleta de devoções, irmandades, festas e procissões, que muitos viam como superstições e credices.”(VAINFAS,2002:126) Dessa forma, nota-se que, ao longo do século XIX, estava em jogo uma nova postura do catolicismo, que se via ameaçado pela visão de uma elite alinhada com os ideais de progresso e civilização, e que, aos poucos, passou a acusar a igreja como responsável pelo “atraso e obscurantismo no Brasil”(VAINFAS,2002:126). Ainda assim, esse tipo de expressão religiosa, fortemente marcada pela herança de um catolicismo barroco colonial, que misturava “o sagrado com o profano nas festas religiosas e pela importância do culto aos santos e pela teatralização da religião” (VAINFAS,2002:127), permaneceu prestigiada por todas as camadas sociais.

Ao longo do relato de viagem, Ewbank demonstrou ter enorme interesse e curiosidade por Igrejas, celebrações religiosas e pela fé dos brasileiros em suas diversas manifestações. Prova disso é o volume considerável de páginas que reservou para descrever Igrejas, festas, enterros, vida nos conventos, história dos santos e a conduta (i)moral dos padres. Logo nas primeiras páginas de *Life in Brazil*, o autor foi bastante incisivo em sua afirmação, imputando ao catolicismo uma forte responsabilidade pelo atraso dos países sul-americanos e pelo baixo desenvolvimento mental de seus habitantes:

Creio que o Romanismo, tal como existe no Brasil e, em geral, na América do Sul, é uma barreira ao progresso, e outros obstáculos a ele comparados parecem pequenos. Há nesses países, estadistas atentos a este fato. Mas, incorporado como está nos hábitos e pensamentos do povo, transfundido, por assim dizer, em seus ossos e medula, a menos que algum Kempis ou um Fenelon⁷, ou um Lutero ou um Ronge surja para purificá-los, gerações passarão antes que a venda caia de seus olhos, permitindo que se tornem mentalmente livres (EWBANK, 2005: IX).

O autor se valeu de pensadores religiosos importantes, alguns associados à doutrina protestante, e outros à mística católica (como no caso de Kempis) – vertente religiosa que buscava o contato com Deus pela prática devocional, através de orações individuais e da leitura bíblica, promovendo assim um tipo de experiência religiosa mais pessoal e intimista - como único caminho para “purificar” os brasileiros de sua cegueira mental. O uso de tais autores, que pregavam justamente um contato mais intimista com Deus, sem a necessidade de intermediários, até mesmo sem a mediação do padre entre fiéis e Deus, representa o oposto do que aqui encontrou. Não foram poucas as vezes em que o viajante se referiu também à relação dos brasileiros com as imagens religiosas. A seguinte passagem indicia algo importante:

⁷ Trata-se, provavelmente, de Tomas de Kempis (1380-1471) – monge místico católico do período medieval, e provável autor de *Imitação de Cristo*. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos lhe reserva um dia para homenagem em seu calendário litúrgico.

François Fénelon (1651-1715) – Teólogo católico, poeta e escritor francês, destacou-se em sua escrita sobre educação e seus sermões de grande qualidade. Foi grande estudioso da história antiga, sendo também acusado pela igreja de ser um adepto do quietismo, doutrina espiritual que postulava que o homem estaria mais próximo de Deus ao praticar a oração contemplativa, e buscar a aquietação da alma, ato que afastaria os fiéis da igreja e, portanto, declarado pela mesma como heresia.

As imagens são peculiares e essenciais ao politeísmo, originando-se nos mais baixos estágios do desenvolvimento mental, sem elas se tornaria difícil imaginar como se conseguiria uma uniformidade de vistas quanto às pessoas, aos atributos e funções de uma legião de seres invisíveis, que pudesse ser estabelecida no espírito das massas ignorantes. Que confusão se cada um usasse sua imaginação para evocar a imagem dos deuses! Os modelos padronizados superam tal dificuldade. [...] O que eram tais imagens para os pagãos, são agora para os romanistas incultos: indispensáveis. Independentemente da parte que representaram na história da humanidade, não deixam de ter interesse quando encaradas simplesmente como uma invenção pela qual, por meios sensíveis, se consegue representar ideias definidas sobre coisas espirituais. (EWBANK, 2005: 273)

O viajante procurou demonstrar que os rituais de adoração presentes no catolicismo originavam-se de religiões pagãs de tempos remotos, e tinham a finalidade de atender às necessidades espirituais de pessoas “ignorantes”, e que apresentavam um baixo estágio de desenvolvimento mental, razão pela qual seriam incapazes de compreender os assuntos ligados à espiritualidade de uma forma mais profunda e racional. Por esse motivo, seria necessária a criação de imagens que representassem concretamente as divindades. Nota-se que no relato de Ewbank, a Antiguidade é recuperada aqui e ali para trazer uma “personalidade” que sirva de exemplo, para valorizar a experiência republicana romana, mas também é recuperada para fazer a crítica ao paganismo e vincular esse aspecto religioso ao catolicismo, devido aos seus muitos santos. Veremos que a associação catolicismo/ignorância foi comum neste relato de viagem. A passagem abaixo segue a mesma linha de raciocínio, mas agora, comparando modos de ser entre anglo-saxões e brasileiros:

Saindo cedo para passear ao léu, encontrei-me, não sei como, na praia ou rua de Santa Luzia – rua sem casas, porém não sem uma igreja, e esta dedicada à senhora acima, padroeira dos cegos, e muito festejada por proporcionar o alívio para o qual nós outros recorremos aos oculistas e as enfermarias de olhos.(EWBANK, 2005: 176)

Assim, nota-se que a religiosidade brasileira parecia exemplificar para o autor os primórdios da civilização. Em diversas passagens, Ewbank procurou demonstrar o quanto a fé católica dificultava o desenvolvimento de uma nação plenamente civilizada e racional. Seja para estimular o progresso do país, seja para livrar uma tripulação de tempestades em alto-mar, ou como vimos acima, para a cura de uma doença, o viajante indicou que santos eram invocados e promessas eram feitas, no lugar de atitudes enérgicas por parte dos homens ou da busca de soluções por meio da Ciência, como afirmou ocorrer com os anglo-saxões. O trecho acima revela a intenção do autor em marcar a diferença entre a forma prática e racional com que os norte-americanos solucionavam seus problemas, em comparação com as práticas supersticiosas dos católicos brasileiros.

Por ser primitiva e deturpada pelo catolicismo superficial aqui praticado, o autor acreditava que a moral cristã era apenas superficialmente assimilada por seus fiéis e clérigos católicos brasileiros. Para ele, um povo movido por tal fé encontrava-se em dificuldades para progredir, pois como já dito, a infantilização e o estado de permanente ignorância que o catolicismo incentivava, desestimulava as ações dos homens e não promovia a busca por um desenvolvimento moral profundo.

Ao comparar os costumes religiosos do brasileiro com o paganismo praticado na Antiguidade Clássica, Ewbank, como vimos, parece querer tornar evidente o grau de desenvolvimento do povo que ele visitou. Mas o autor avançou em suas comparações ao comentar sobre os rituais dos índios norte-americanos, considerando-os superiores e mais refinados em comparação ao catolicismo. A seguinte passagem, apesar de longa, nos fornecerá elementos importantes para essa discussão:

Eu posso estar sendo preconceituoso – muitos de nós somos quando estamos fora do círculo de influências em que se formaram nossos hábitos e opiniões. Mas essa adoração manual, labial; e genuflexórios, de oscilações de turíbulos, defumações e aspersões, de imagens pintadas; esse sistema de manifestações exteriores que causariam náusea a qualquer pessoa sensata que delas fosse alvo – tudo isso me parece inteiramente fora de razão na época de hoje. Em certos aspectos, ultrapassa em rudeza a mais grosseira das idolatrias. A comunhão dos índios norte-americanos com o Grande Espírito me parece mais consistente e refinada. [...] e por mais vantajoso e justificável que possa ter sido a aplicação de tais práticas ao Cristianismo

em seus tempos mais obscuros, hoje em dia certamente não mais é necessária. Entretanto as hierarquias nacionais e o clero menos elevado jamais as expurgaram; esclarecidos somente de fora para dentro, são sempre os últimos a ceder à razão. Ainda assim, o mundo das coisas religiosas também progride, e não pode ser de outro modo quando a ciência é cultivada e os Galileus têm liberdade de buscar o progresso. [...] Na ausência de uniformidade nas organizações humanas e influências do clima e de produções climáticas, as diferenças religiosas são inevitáveis. As raças hão de ter seus rituais próprios, e neles a homogeneidade é impossível. Além disso, em cada indivíduo, o mar do pensamento deve agitar-se para impedir uma calma estagnante e putrefaciente. (EWBANK, 2005: 391)

Em primeiro lugar, é interessante notar que o autor considerou a hipótese de que suas impressões poderiam estar comprometidas por um olhar preconceituoso. Mas, tal percepção não foi suficientemente forte para que mudasse de opinião ou restringisse seus ácidos comentários. Ewbank seguiu uma linha de raciocínio para traçar um perfil da religiosidade brasileira, e do catolicismo em geral, fortemente baseado nas teorias raciais e evolucionistas do período, como vimos ao final do excerto.

Além disso, é clara a associação que o autor faz entre política, religião e Ciência, todas utilizadas como termômetro do progresso humano. Apesar de considerar naturais as diferenças entre os povos, Ewbank observou que os menos desenvolvidos não deveriam deixar-se estagnar em uma determinada etapa de desenvolvimento, como ele afirmou presenciar no Brasil, uma nação espiritualmente guiada pelo romanismo.

O autor, em vários momentos, procurou demonstrar que por trás da suposta espiritualidade do clero católico, não existia muito além da intenção de arrecadar dinheiro. “Com exceção da água benta, padres são pagos para tudo - para o batismo e sepultamento, bem como para o casamento”(EWBANK, 2005: 170), afirmou o viajante.

De forma irônica e sarcástica, sempre buscando retratar a Igreja como um grande negócio, o viajante foi construindo essa imagem, com o objetivo de demonstrar que a atitude da Igreja pouco diferia da de qualquer comércio, distorcendo o seu “verdadeiro papel”. É sabido que parte do clero católico brasileiro era poderoso. Contudo, Ewbank não estabelece diferenciações ou nuances e homogeneiza tudo o que vê. Ele seguiu com seu objetivo de desmoralizar a Igreja Católica, demonstrando como era a “concorrência” entre os santos, e assim reforçou a imagem da Igreja como grande comerciante de

milagres, ao demonstrar como os seus representantes iam lhes atribuindo determinadas habilidades e especialidades, de acordo com a necessidade de sua freguesia:

O forte de Antonio era outrora proteger as casas contra os ladrões e recuperar mercadorias roubadas. Agora, porém, mergulha em todo terreno, interferindo com São Brás na cura das doenças da garganta, concorrendo com São Miguel dos Santos, o príncipe dos extirpadores do câncer, tomando boa parte dos negócios e dos lucros das duas Senhoras protetoras dos marinheiros, vencendo São Gonçalo no casamento dos jovens, enviando mais chuva aos plantadores na época da seca e fazendo com que a terra mais pobre se torne dadivosa sem estercos, com maior facilidade que todos os outros amigos dos fazendeiros. Um gênio universal – um santo para todo tipo de trabalho. (EWBANK, 2005: 181)

Como já dito, Ewbank era ácido, irônico e não temia ser deselegante nos seus comentários. Sobre os santos ou o significado que estes tinham para esse autor, escreveu: “Para nós, esses gênios venerados são bonecas de dezoito polegadas; para os romanistas, são reconhecidos como um meio através do qual as orações chegam até aqueles que representam”. (EWBANK, 2005: 182)

Seu posicionamento diante da Igreja Católica ganhou ares ainda mais indignados quando finalmente se decidiu a comentar a conduta “imoral do clero” tema com o qual Ewbank gastou muita tinta e muitas páginas:

Eu não tencionava dizer uma única palavra a respeito da moralidade dos padres, mas ouvindo tanto quanto ouço diariamente, é impossível calar. Nem eu nem qualquer outro estrangeiro poderíamos suspeitar que chegasse a tal ponto a corrupção entre o clero, a não ser que tivesse uma situação semelhante à minha, e com os olhos abertos. As palavras de um brasileiro esclarecido aqui citadas, não o são para denunciar indivíduos, e sim o sistema que faz com que eles sejam o que são. “O clero deste país é superlativamente corrupto. É impossível que haja homens piores, ou que se possa imaginar homens piores. Na igreja parecem responsáveis e devotos, porém seus crimes secretos fizeram desta cidade uma Sodoma; há, naturalmente, honrosas exceções, mas estas são muito poucas.” Um velho habitante do Rio, que não tem nem motivo nem inclinação para desprestigiar o país e sua moral, acrescentou: “Tudo isso é verdade, e muito mais ainda do que o senhor pode imaginar”[...] Outro, cuja

autoridade não seria posta em dúvida se fosse prudente dar-lhe o nome, observa: “Os padres são, sem dúvida, a parte mais licenciosa e dissoluta da comunidade. As exceções são realmente raras. Embora o celibato seja um de seus dogmas, vê-se que quase todos têm família. É um fato evidente, que não admite argumento contrário, que em seus amores eles preferem as mulheres de cor: negras e mulatas”.(EWBANK,2005:142)

Importa notar que o viajante condena não o padre, o indivíduo, mas o sistema da Igreja Católica como um todo. Ewbank, ao criticar a conduta do clero brasileiro, buscou o testemunho de brasileiros que também teciam críticas ao catolicismo, como forma de legitimar as afirmações que fez. Neste caso, é evidente o modo como este autor se valeu do testemunho dos locais para afirmar e confirmar imagens que o autor já carregava consigo, antes de chegar ao Brasil, como vimos no início dessa comunicação. É interessante observar que, até mesmo no que se refere ao catolicismo praticado nos Estados Unidos, o mesmo é considerado como superior em seu país, como se pode notar na passagem abaixo:

O ex-núncio, um velho cavaleiro de chapéu de três pontas e meias vermelhas passou para se despedir do Sr. Wise. Ele foi substituído por um jesuíta ao que se diz profundamente astuto. Ele possui a fama de liberal demais para amoldar-se às vistas do Vaticano e demasiado esclarecido para acatar as superstições populares. Ele diz que o povo aqui não tem religião nenhuma; adora imagens e deleita-se apenas com os rituais mais grosseiros das igrejas, enquanto que o clero é notório pelos piores vícios. Uma vez lhe perguntaram por que o Papa não manda um núncio para assistir os católicos dos Estados Unidos. Ele respondeu: “Não é necessário. O clero daquele país é mais espiritual do que qualquer outro. Seus conflitos com as seitas protestantes os mantêm puros”. (EWBANK, 2005: 268-269)

O fato de o catolicismo ser professado nos Estados Unidos de alguma maneira o “purificava” de alguns desmandos que se via no Brasil. Certamente, Ewbank, devia relacionar tal perspectiva em virtude do clima temperado daquela região, além do contato com os protestantes, como vimos, e do “nível de civilização” que o país alcançava. Ao norte, a virtude; ao sul, o descrédito.

Um fator que não pode ser desprezado para compreender o olhar de Ewbank sobre o Brasil e sua religião é a imagem de superioridade que os puritanos deixaram como herança ao homem estadunidense. A ideia de *Destino Manifesto* e do excepcionalismo norte-americano, ajudaram a formar o imaginário deste país entre fins do século XVIII e início do XIX, conferindo uma superioridade de origem divina aos Estados Unidos. Ewbank, pelo orgulho que demonstrou ter do país que adotou, e pelo desprezo que manifestou quando teceu observações sobre a Igreja Católica e sobre a Monarquia, certamente partilhava da crença de pertencer a uma nação modelar, excepcional, com a missão universal de proliferar suas ideias na construção de um novo mundo, apesar da sua origem inglesa.⁸

A última passagem de Ewbank exposta neste texto demonstrou claramente a percepção do autor sobre a fragilidade moral do catolicismo. O clero era o primeiro a viver de forma corrupta e indecorosa, provando assim, o fracasso romanista na formação ética e moral de seus religiosos que, por sua vez, contribuiriam muito pouco para a formação moral de seus fiéis. Na sua visão, a pouca inclinação da maioria dos brasileiros para refletir de forma racional sobre estas e outras questões, deixavam poucas perspectivas para que este viajante enxergasse uma possibilidade real de progresso e mudança na visão religiosa e política do país, a curto e médio prazo.

Para solucionar a parca e ineficiente formação religiosa e moral do brasileiro, Ewbank via como única alternativa, como não podia deixar de ser, a implantação do protestantismo no país. Todavia, este não parecia ser um projeto viável para os trópicos:

Quanto mais conheço este povo, mais distante me parece o êxito que qualquer missão protestante entre eles. As festas são obstáculos difíceis de serem removidos. As massas populares apreciam-nas extraordinariamente, e o coração nacional pulsa em uníssono com elas. Além disso, há classes poderosas interessadas em mantê-las. [...] Os protestantes, dizem, degeneram aqui. A capela dos ingleses jamais recebeu um brasileiro que se convertesse, enquanto os padres conquistaram membros protestantes da colônia inglesa. Os metodistas episcopais mantiveram por algum tempo uma missão aqui, porém a retiraram. [...] E também o clima é contra a

⁸ Sobre este assunto ver: AZEVEDO, Cecília da Silva. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Revista Tempo*: Rio de Janeiro, n.11, pp. 111-129.

severidade de costumes das seitas do Norte. Nenhum metodismo ou puritanismo rigoroso poderá jamais florescer nos trópicos. O comércio do país, externo e interno, é contrário à queda do romanismo. As relações sociais e civis seriam rompidas, e milhares e milhares de indivíduos perderiam os meios de subsistência. Jamais ocorreu a repentina conversão de uma cidade. (EWBANK, 2005: 238-239)

Notamos a relação que o autor fez entre um determinismo geográfico que se articulava com fatores culturais, impedindo o protestantismo de se firmar no país. O fato de a religião ser um “negócio”, além de manter uma conformação social que atendia aos interesses da elite, também apareceu como fator preponderante. A cada comentário, aumentava o pessimismo do viajante para com o Brasil e para com o brasileiro.

Vindo de um país (os Estados Unidos) em que a “ação humana racional e pragmática” era altamente valorizada, Ewbank não conseguiu desvincular-se de suas crenças e de sua formação moral, cultural e intelectual para poder enxergar algo mais além da “irracionalidade, fragilidade moral e ignorância perpetuadas”, a seu ver, pela Monarquia, pelo catolicismo e, ao fim e ao cabo, pelo clima do Brasil.

Ewbank, antes de visitar o país, já carregava consigo a concepção sobre o atraso do brasileiro na escala de desenvolvimento na distribuição das raças pelo globo. Contudo, o que escolheu ver e relatar, o fez confirmar o que antes conjecturava. É como se o viajante já aportasse em seu destino com olhos treinados, e assim, fixados em elementos que se harmonizassem com crenças que ele já trazia consigo, como também demonstrou Tzvetan Todorov (2006), ao identificar comportamentos semelhantes nos viajantes que descobriram e conquistavam as Américas.

Como vimos, os comentários de Ewbank são por demais preconceituosos. Creio que podemos deduzir que o viajante escreveu esse relato, pensando em publicá-lo apenas nos Estados Unidos e não no Brasil; porque se pretendesse publicá-lo aqui, teria escolhido outro tom para escrevê-lo. De maneira nenhuma suas críticas à Igreja Católica e ao Império brasileiro seriam bem vistas aqui, naquele momento. O autor não demonstrou possuir meios-termos, e seu estilo de escrita nos permite afirmar que o autor escreveu para um público que pensasse como ele – provavelmente os estudiosos da etnologia, em primeiro lugar, e o público norte-americano, de denominação

protestante, em geral. Isso talvez explique o fato de *Life in Brazil* ser publicado no Brasil somente em 1973, 177 anos depois de sua publicação nos Estados Unidos.⁹

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida Privada e ordem no Império. In: *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 1997

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Cecília da Silva. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Revista Tempo*: Rio de Janeiro, n.11, pp. 111-129.

BAYLIN, Bernard. Fontes e tradições, in *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: Edusc, 2003.

Ewbank, Thomas. *Life in Brazil our; a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. Boston: Adamant Media Corporation, 2005.

JUNQUEIRA, Mary A. Ao sul do Rio Grande. EDUSF: 2000.

TODOROV, Tzvetan. “A viagem e seu relato”. In *Revista de letras da UNESP*. São Paulo: vol. 46, n.1, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

⁹ Conferir: EWBANK, Thomas. *Vida no Brasil....* Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.